

SOCIOLOGIA AMBIENTAL

AUTORES

JOSÉ AFONSO DE OLIVEIRA

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
afonso@fnn.net

VALDECIR ANTONIO SIMÃO

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
valdecirsimao@yahoo.com.br

AMARILDO JORGE DA SILVA

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
jorgeautopietico@uol.com.br

RESUMO: É possível pensar em sociologia ambiental? Quais as técnicas e os instrumentais da sociologia para analisar as questões atuais que se referem ao meio ambiente. Como analisar, à luz da sociologia, as questões pertinentes ao meio ambiente. Quais as modificações que estão atualmente ocorrendo na sociedade. Qual a gênese do movimento ambientalista e quais os caminhos que foram e que ainda estão sendo percorridos. O artigo indica teoricamente as principais implicações para a hodierna sociedade global. Indica também possíveis soluções para as questões que dizem respeito ao meio ambiente. Aponta as implicações das questões ambientais na formação da sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Meio Ambiente. Movimento Ambientalista. Sociedade Global.

ABSTRACT: Is it possible to think in environmental sociology? Which the techniques and the instrumental of the sociology to analyze the current subjects that refer to the environment. As to analyze, to the light of the sociology, the pertinent subjects to the environment. Which the modifications that are now happening in the society. Which the genesis of the movement environmental and which the roads that were and that are still being traveled. The article indicates the main implications theoretically for the current society global. It also indicates possible solutions for the subjects that say respect to the environment. It aims the implications of the environmental subjects in the formation of the current society.

KEY WORDS: Environment. Movement Environmental. Society Global.

1 INTRODUÇÃO: Sabe-se que na atualidade, toma corpo, com muita ênfase, questões que dizem respeito ao meio ambiente. Inicialmente deseja-se saber os motivos que levaram na atualidade ser dada essa ênfase ao meio ambiente, já que sempre se conviveu com a natureza e, praticamente em todos os tempos, esse convívio nem sempre foi harmonioso. Somente agora, a partir da segunda metade do século XX é que as questões ambientais ganharam grande destaque e relevo. Seria esse fato fruto das transformações que se está agora vivenciando? Ou seria mais um modismo, sem maiores conseqüências? Para responder a essas e outras questões altamente complexas é que se procuram na sociologia alguns referenciais que permitem analisar com objetividade a questão ambiental na sociedade hodierna. Certamente que pela sua atualidade as questões ambientais não mereceram da

sociologia uma maior atenção, nada impedindo que se esboce agora uma reflexão mais aprofundada do assunto, de sorte a esclarecer possíveis dúvidas e, mais do que isso, realizar algumas proposições válidas para o presente e talvez ainda para um futuro próximo.

Na busca de títulos de obras publicadas como Sociologia Ambiental ou seus correlatos, percebe-se que ainda é escassa toda essa matéria, de vez que, além da atualidade do tema, são muito raras, quase inexistentes as pesquisas sobre esse assunto para a sociologia e, mesmo para outros campos do conhecimento. Fica sempre mais clara a idéia de que questões do meio ambiente são pertinentes apenas às áreas das denominadas Ciências Naturais (física, química, biologia). Sabe-se muito bem das limitações que semelhante abordagem trouxe para o conhecimento do tema, inibindo ações mais concretas e profundas. Além do que, essa postura está muito correlacionada com um pensamento positivista, donde a divisão do trabalho é reproduzida na divisão do conhecimento, de forma extremamente estática, estanque, reducionista e fragmentada (MATURANA, 1997, 1998).

Com a atual discussão dos paradigmas do conhecimento científico, esta fase deve ser superada, apesar de todas as contribuições óbvias que trouxe para o campo do conhecimento. Ao serem propostas agora as questões da inter e da multidisciplinaridade, como também da transversalidade, as questões ambientais passam a ser objeto de várias áreas do conhecimento. Fica claro que apenas um ramo do conhecimento científico, por mais amplo e profundo que seja, não consegue mais dar conta da complexidade que envolve as questões ambientais, no contexto das sociedades contemporâneas.

Finalmente é urgente a reflexão que possa ser realizada no âmbito da sociologia, como de resto também de outras áreas do conhecimento de questões que levem em conta a complexidade do meio ambiente (GOLDBLATT, 1996). Não se tem a pretensão de exaurir o assunto, por saber de sua profundidade; busca-se neste texto somente iniciar essa reflexão que deverá ser retomada por outros sociólogos, economistas, psicólogos, antropólogos, historiadores, geógrafos etc. É bem verdade que algumas áreas citadas, como é o caso da economia, esse problema já tem alguma tradição, por exemplo, nas acirradas discussões sobre a economia verde.

Pensa-se que refletindo sobre o meio ambiente com instrumentos da sociologia possa-se colaborar para elucidar melhor esse fenômeno que hoje preocupa sobremaneira governos, sociedade civil organizada e a própria humanidade. Há uma sensação catastrofista, nem sempre verdadeira, que pesa sobre cada ser humano.

Superar esse medo quase que fóbico, sem que haja conhecimento mais aprofundado sobre a temática ambiental, faz parte do conhecimento científico, no sentido de entender a realidade e ousar propor novas atitudes, comportamentos, enfim uma nova realidade social que começa a ser desenhada.

No momento em que uma epidemia social como a dengue apavora a sociedade brasileira, neste momento, salta aos olhos as questões referentes ao meio ambiente. Aí sim se tem a ponta de um problema muito mais profundo e complexo, passando as pessoas, muitas vezes no seu desespero, a clamarem por atitudes governamentais e da própria sociedade no seu interesse meramente local. Tem-se que pensar maior, aproveitando inclusive a oportunidade desse momento privilegiado em que essas questões ambientais estão mais aguçadas, no sentido de entendê-las em sua profundidade e complexidade, de sorte a se poder ter soluções de longo alcance que possibilitem novas realidades sociais.

2 SURGIMENTO DO PROBLEMA AMBIENTAL: Verifica-se que é difícil precisar o momento que surgiu a problemática ambiental. Evidente que esse problema sempre existiu, mas essa problemática se tornou, na atualidade, muito mais aguda. Pergunta-se por que só agora nos últimos sessenta anos, mais ou menos, é que ela tem sido revelada com muita intensidade nas universidades e, principalmente por que ocupa grandes espaços na mídia.

Existe provavelmente uma origem mais remota que data da década de sessenta, especialmente nos Estados Unidos. O entendimento de que o Movimento Hippie, nascido naquele momento, representava uma forma de contestação do *status quo* americano, pode-se entender que aí talvez esteja a gênese do atual movimento ambientalista.

Protestando contra a vida urbano-industrial da sociedade norte-americana, segmentos significativos deixam as cidades e passam a viver no meio natural, valorizando o aspecto natureza como qualidade de vida. Há uma grande dose de romantismo, mas agregada a uma forma de protesto passa a ter um significado diferente, gerando o atual movimento ambientalista.

De forma mais oficial é a Conferência do Meio Ambiente, realizada em Estocolmo em 1972 que abre a questão em termos mais profundos, já envolvendo vários países que estão preocupados com a temática **meio ambiente**. Daí também a denominação da Conferência, que tem o patrocínio da Organização das Nações Unidas (ONU).

Em 1992 a ECO-92, isto é, a Conferência do Meio Ambiente e Desenvolvimento reúne no Rio de Janeiro praticamente todos os chefes de Estado para uma posição muito mais clara e objetiva. Note-se que não é por acaso a denominação agregada agora à palavra Desenvolvimento, indicando uma nova posição que se está assumindo.

Como os problemas ambientais passaram a ser complexos, refletindo conseqüências bastante sérias e também, ante a pressão das Organizações Não Governamentais (ONGs) essa nova Conferência tem agora um caráter propositivo muito mais acentuado, haja vista os acordos celebrados e a formalização de princípios e práticas conhecidos como AGENDA 21.

Evidente que entre uma conferência e outra há um hiato que foi o fim da Guerra Fria, como sendo a maior preocupação da humanidade. Nesse novo espaço de poder internacional aberto, a preocupação com o meio ambiente cresce, pois se trata também de um problema de escopo internacional.

É dentro desse vetor que a problemática ambiental passa a ser uma preocupação de Estados, sociedade civil organizada, no contexto de uma consciência internacional.

Hobsbawn (ano), ilustra muito bem o pensamento predominante no mundo nesse momento: os problemas ecológicos e ambientais, embora [em longo prazo] decisivos, não eram tão imediatamente explosivos. Isso não significa subestimá-los, embora desde a época em que entraram na consciência e no debate público, na década de 1970, estes problemas tendessem a ser de modo enganoso discutidos em termos de apocalipse iminente. Contudo, o fato de que o **efeito estufa** talvez não faça o nível do mar elevar-se o bastante, até o próximo ano 2000, para afogar Bangladesh e os Países Baixos, e de que a perda de um número desconhecido de espécies todo dia não é sem precedentes, não causava complacência. Uma taxa de crescimento econômico como a da segunda metade do Breve Século XX, se mantida indefinidamente (supondo-se isso possível), deve ter conseqüências irreversíveis e catastróficas para o ambiente natural deste planeta, incluindo a raça humana que é parte dele. Não vai destruir o planeta, nem torná-lo inabitável, mas

certamente mudará o padrão de vida na biosfera, e pode muito bem torná-la inabitável pela espécie humana, como a se conhece na atualidade, com uma base parecida a seus números atuais. Além disso, o ritmo em que a moderna tecnologia aumentou a capacidade de nossa espécie de transformar o ambiente é tal que, mesmo supondo que não vá acelerar-se, o tempo disponível para tratar do problema deve ser medido mais em décadas que em séculos.

O autor citado trabalha com o termo ecologia, como um ramo específico do conhecimento científico. O termo meio ambiente será posteriormente mais utilizado, entendendo que as questões são na realidade muito mais complexas do que uma área específica do conhecimento. Sabe-se que a ecologia, enquanto especificidade do conhecimento não consegue dar conta de explicar toda a complexidade das questões ambientais.

Assim, pode-se afirmar que nesses primórdios de um novo século e milênio o meio ambiente passa a ganhar imenso destaque em função da gravidade dos problemas que já se verificavam há trinta anos, conjugados com um certo vazio de poder em termos internacionais.

Como os problemas ambientais afetam o planeta na sua totalidade, no momento em que o processo de globalização instala-se, é óbvio que eles passam a ser encarados de forma também globais. Isto quer dizer que, na medida em que as fronteiras nacionais vão sendo liberadas, cada vez mais, a problemática ambiental ocupa um lugar relevante, até porque não existem mecanismos legais para a solução desses problemas que tem escopo planetário. É dessa conjugação meio ambiente–globalização, ocupando agora o cenário principalmente da mídia que ele adquire uma importância e urgência de pesquisa e reflexão científica (IANNI, 2002a, 2002b, LÉVY, 2001).

3 O PENSAMENTO DOS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA: Com o processo industrial, em nível mais avançado, tem-se a tentativa inicial de formulação do pensamento sociológico. É justamente nessa tentativa que aparecem os pensadores mais originais e geniais desse novo ramo do conhecimento científico. Fica claro que nenhum deles apresentará qualquer tentativa de análise das questões ambientais, até porque elas não eram tão relevantes no século XIX como o foram a partir da metade do século passado.

Assim quando o positivismo, advogando que a sociedade é como uma grande máquina, na qual as pessoas cumprem determinadas funções, vê-se em Emile Durkheim a explicação para o funcionamento da própria sociedade. Isso aparece claro quando ele fala da escola como formadora de um determinado consenso, isto é, sem um consenso social é impossível a vida em sociedade. O que poderia perguntar é se não está agora existindo um determinado consenso a respeito das questões ambientais; proporcionado, não tanto pelas escolas, mas muito mais pelos meios de comunicação social de massa. Essa é uma questão que se pretende abordar melhor, na seqüência.

O importante aqui é perceber que para os funcionalistas existe uma sociedade organizada de forma lógico-racional. Assim, como uma máquina a sociedade também tem determinados objetivos a serem atingidos. Ora se na máquina as peças estão bem organizadas, logo o todo funciona e muito bem. Por isso pode-se entender que, para Hannigan (1995): o funcionalismo, a teoria líder da sociologia dos anos cinqüenta na América e possivelmente em todo o mundo, levada para frente pela idéia de Emile Durkheim de que a sociedade constituía um organismo social que precisava mudar-se e adaptar-se constantemente ao ambiente físico e

social exterior. O equilíbrio desta sociedade ou seu estado de imobilidade poderiam ficar sujeitos à eliminação dos defeitos através de diversos acontecimentos de ruptura mas, em última instância, tal como o corpo humano recupera-se de uma febre, ela voltaria ao normal.

Evidente que a comparação da sociedade com o corpo humano é a mesma com a máquina. Assim os problemas ambientais seriam **defeitos** que precisariam ser corrigidos.

Max Weber, preocupado com as várias formas de organizações sociais, daí seu estudo muito influente da burocracia. Ele compõe o modelo ideal de organização, não se preocupando com as questões pertinentes da relação homem natureza.

Karl Marx ao desvendar a formação do capitalismo destrincha todas as várias formas de produção. Partindo da economia clássica, ele analisa as relações homem-natureza, como sendo fundamentais. Hannigan (1995) observa que: Marx e Engels acreditavam que o conflito social entre as duas classes principais na sociedade, ou seja, os capitalistas e o proletariado (trabalhadores), não só aliena o povo comum dos seus trabalhos, mas conduz também à sua alienação da própria natureza. Em local algum isto é tão evidente como na **agricultura capitalista**, a qual põe o lucro rápido da terra acima do bem-estar humano e do solo.

Pode-se agora, com base nesses três clássicos da Sociologia, trabalhar na tentativa de se construir um modelo denominado de sociologia ambiental.

A possibilidade de que se tenha um consenso, na acepção de Emile Durkheim, fornecido hoje pelos meios de comunicação social, fica muito claro que, partindo dos detentores de capitais, vai sempre significar uma justificativa para a manutenção dessa estrutura social.

Aqui também é muito importante considerar que Emile Durkheim dava grande importância à escola, justamente pela possibilidade também da formação de um consenso. Ora a educação ambiental, hoje muito valorizada, pode servir também para a manutenção das estruturas do capital, por isso mesmo toda a insistência de um trabalho nesse sentido.

Em Karl Marx a questão premente é a necessidade de destruição do capitalismo. Por isso a visão do conflito permanente passa a ser uma realidade. Na medida em que a discussão ambiental possa colaborar na consciência de classe do proletariado, ter-se-ia um mecanismo bastante eficaz para a consecução dos fins propostos por ele, no sentido de realizar a destruição do capital.

Evidente que nenhum dos clássicos consegue abordar, em profundidade essa nova dimensão da vida em sociedade que ganha enorme relevo nos dias atuais. No entanto eles possuem pontos interessantes para a reflexão da formação de um conceito de sociologia ambiental.

No momento em que se vive, predominando a globalização, pode-se entender que as questões pertinentes à sustentação ou não do capitalismo é coisa do passado. No entanto é muito bom ter-se em conta também que tudo o que foi posto no passado, especialmente na análise marxista, continua plenamente em vigor, nesse momento.

Assim, defronta-se ainda, que de várias formas, entre os defensores de uma sociedade organizada dentro do padrão da burguesia e, dialeticamente falando, os defensores do mundo do trabalho, ou mais especificamente do proletariado.

Nesse embate, pode-se questionar como surgem as questões ambientais e como formular um pensamento sociológico que possibilite refletir criticamente sobre esse fenômeno, relativamente recente? Essa, no entanto, não é mais uma preocupação meramente teórica, passando a ser prática, na medida em que passa a afetar o

nosso cotidiano. A problemática ambiental hoje está inserida no dia-a-dia das sociedades, agora em caráter global. Se existe um determinado consenso que vai se estabelecendo, cada vez mais, é que as questões ambientais são verdadeiramente globais, pois que a natureza não conhece as fronteiras estabelecidas, artificialmente, pelos Estados Nacionais.

Assim, por exemplo, a poluição atmosférica, o fenômeno do aquecimento global, o efeito estufa e tantos outros fenômenos desencadeados pela ação antrópica, devem, cada vez mais, chamar a atenção dos habitantes do planeta.

3.1 O surgimento de uma nova classe média: Vive-se, a partir do pós-guerra, e hoje, muito mais intensificado o fenômeno de uma nova classe média que está sendo constituída, com grande rapidez. Das características tradicionais da classe média, chamaria a atenção para alguns pontos essenciais que, de certa forma, possibilitam a sua existência atual. Essa classe se caracteriza justamente por ser a detentora da cultura. Esse fato faz com que ela tenha uma grande atuação, especialmente nos meios de comunicação social de massa, notadamente a televisão. Detendo o conhecimento na atual sociedade do conhecimento ela consegue um grande impacto no viver da sociedade hodierna.

Da mesma forma que a sua contradição ideológica se manifesta de forma cada vez mais contundente, entre o conservadorismo da classe alta, desejosa da manutenção do *status quo* e o revolucionarismo da classe baixa desejosa de transformações radicais da sociedade. Assim politicamente a classe média continua agindo como amortecedor dos anseios da classe baixa, frente à alta, o que lhe garante uma certa preeminência na sociedade.

Detentora para sua manutenção de profissões e cargos gerenciais ela vive do auferir salários elevados, provenientes de sua capacitação técnico-profissional. Hoje isso está em profunda transformação ante a utilização da informática na produção, gerando todo o sistema dito globalizado.

Provavelmente a principal mudança ocorrida na classe média deve-se ao fato de que ela conseguiu incorporar um proletariado que, sempre mais, vai se especializando, na exata medida em que está em curso o desenvolvimento do capitalismo industrial. Tomando como referência os ensinamentos de André Gorz, pode-se ter uma visão mais clara dessa problemática. A crise cada vez mais profunda das sociedades ocidentais constituiu, mais uma vez, o pano de fundo para a análise, mas a questão central havia mudado. Gorz distanciou-se da dinâmica da crise no sentido das forças sociais, potencialmente libertadoras, desencadeadas. Numa crítica à teoria da revolução de Marx, ele sugeriu que a classe trabalhadora não conseguiu concretizar a sua promessa marxista. A universalidade da revolução do proletariado foi o produto da teoria hegeliana de Marx e não o resultado de uma investigação experimental atenta do desenvolvimento capitalista. Gorz declarou que, pelo contrário, a classe trabalhadora fora incorporada com êxito na ordem dominante.

Pode-se, em parte, entender esse fenômeno central na discussão da classe média, na medida em que se compreende essa classe, percebe-se que ela é também, em essência, altamente consumidora. O **TER** substitui o **SER**, no sentido de maior prestígio social. Assim quanto mais se tem, de forma mais clara se sobressai o *status* social. Essa talvez seja a mola mestra para o desenvolvimento da classe média na sociedade atual.

Como nos países ditos desenvolvidos as sociedades são acentuadamente de classe média, pode-se entender a predominância de seu significado para a atualidade. Além do mais, com o atual processo de globalização, a classe média, imitando mais

o padrão norte-americano, constitui-se de uma sociedade com características praticamente universais, independentemente dos vários locais nos quais ela possa ser encontrada. Há portanto um certo consenso quanto às características fundamentais hoje da classe média.

Claro está que é exatamente esse o fato primordial para o processo de globalização como uma integração dos vários mercados nacionais, originando um mercado globalizado. Toda a produção do mundo capitalista industrial basicamente visa o atendimento das necessidades globais, através de uma classe social também globalizada, a classe média.

De forma reversa, atuando através dos meios de comunicação social de massa, a classe média passa a **vender** a sua forma de vida. Cria-se todo um imaginário social que serve de sustento para a nova sociedade que está sendo agora constituída.

Assim, as necessidades da classe média, globalizados, passam a orientar todas as formas de organização social. Tendo a cultura, inserida na atual sociedade do conhecimento, essa classe passa a ter um maior poder, podendo intensificar determinadas mudanças sociais, tais como as que estão ocorrendo, neste momento. Note-se aqui que o fenômeno do consumo vai gerar o consumismo, isto é, o consumo pelo consumo, elemento fundamental para o atual processo de desenvolvimento do capitalismo. Esse consumo também apresenta algumas facetas diferenciadoras, mas há uma tendência muito forte a que se produza um certo consenso, ou melhor, uma determinada homogeneização, facilitadora da implantação e do desenvolvimento de toda a política atual da globalização.

Para Bourdieu (1997;1998), os pequeno-burgueses que, tendo conseguido livrar-se do proletariado (seu passado) almejam acesso à burguesia (seu futuro), precisam para realizar o acúmulo inicial a essa ascensão, retirar de algum lugar os recursos indispensáveis para suprir a ausência de capital, essa energia da vida social. Seu habitus é o sentido de sua trajetória social, individual ou coletiva, que se tornou inclinação pela qual essa trajetória ascendente tende a prolongar-se e realizar-se: espécie de **nisus perseverandi** em que o trajeto passado se conserva sob a forma de uma disposição frente ao futuro, em que o já não se prolonga num ainda não, delimita as ambições **razoáveis** e, por conseguinte, o preço que é necessário pagar para realizar essa pretensão realista. A pequena burguesia ascendente refaz, indefinidamente, a história das origens do capitalismo: para tanto só pode contar, à semelhança dos puritanos, com seu ascetismo. Nas trocas reais em que os outros podem apresentar garantias reais (dinheiro, cultura ou relações) ela não pode oferecer senão garantias morais; pobre (relativamente) em capital econômico, cultural e social, não pode **justificar suas pretensões**, como se diz, e, por conseguinte, ter chances de realizá-las, a não ser sob a condição de pagar com sacrifícios, privações, renúncias, em suma, com virtude.

Pode-se observar que a nova classe média apresenta toda uma série de preocupações, nela merecendo forte destaque às questões pertinentes ao meio ambiente. Essa nova classe encara uma contradição muito acentuada, pois que, altamente consumidora, passa também a defender padrões de controle, no contexto do movimento ambientalista. Essa nova moralidade está na essência do pensamento típico de classe média.

Essa virtude da classe média é que, em parte, sustenta toda a discussão referente ao meio ambiente.

Detentora da cultura a nova classe média cria toda essa discussão, organizando-se em várias formas como sejam, as Organizações Não Governamentais (ONGs), universidades, mídia etc.

Evidentemente que na atual sociedade do conhecimento o destaque da classe média é enorme, tanto quanto também sua influência na sociedade. É por isso que, entre outros, o tema ambiental ganha enorme repercussão.

Ao se plantar informações sobre problemas ambientais na mídia, de certa maneira, essa nova classe média, manipula em seu favor, como classe que está sempre disposta a tudo pela sua ascensão social. É também por isso que esse tema encontra tanto espaço na mídia. Obviamente que esta nova classe está defendendo a sua posição, podendo aliar-se com a classe alta contra a baixa.

É difícil verificar qualquer debate sobre meio ambiente em que, por exemplo, a miséria e a exclusão social se façam presentes. Tanto quanto também não são discutidos temas como guerras, devastações, enfim toda a problemática do uso da energia nuclear.

É nesse contexto que aparecem novas temáticas como o desenvolvimento sustentável, isto é, padrões de crescimento e desenvolvimento econômico que possibilitem melhores condições para as gerações futuras. Gerações essas que, em termos de classe média, serão compostas por menores quantidades de filhos, tendo assim possibilidades de manutenção de todo o capital social e econômico de sustentação das posições de classe média no presente e no futuro.

Observe aqui que a política de controle de natalidade artificial ou não, está sempre agregada ao pensamento da classe média. Para a classe baixa a possibilidade de uma prole maior, serve como garantia para mudança de posição social, isto é, é um meio de vida. Isso implica que, no futuro o crescimento populacional poderá ser mantido através das camadas das classes baixas. Como na discussão atual do ambientalismo, as questões pertinentes à miséria e exclusão social não entram nesta discussão, fica-se pensando em desenvolvimento sustentável apenas para uma camada privilegiada. Na prática isso é impossível.

Quando os Povos das Florestas, na região Norte do Brasil começam a lutar pela manutenção do meio ambiente, lutam igualmente pela sua sobrevivência e, portanto, pela sua possibilidade de vencer o atual estágio de miséria em que estão envolvidos. Não há aí uma separação entre movimento ambientalista, miséria e exclusão social, ao contrário, há íntima relação.

Os novos padrões da classe média, nos quais a cultura é hoje ponto fundamental, indicam novos comportamentos sociais, muito vinculados às questões ambientais. Para chegar-se a uma nova relação social, em que o destaque seja a convivência harmoniosa entre o homem e a natureza, obrigatoriamente, tem-se que procurar superar as imensas desigualdades sociais, caso contrário será impossível qualquer tentativa de uma nova sociedade ambientalmente correta.

Para que se possa pensar nas questões ambientais, frente à nova sociedade que está surgindo, algumas questões são relevantes: a) o tratamento que a mídia possa dar à problemática ambiental, passando de uma manipulação para uma real e objetiva discussão, na qual a visão das desigualdades sociais seja realçada, focando o contexto do meio ambiente. Sem isso se fica sempre com uma idéia falsa de meio ambiente na realidade que se está vivenciando; b) que a educação, como instrumento dos mais necessários, possa ser ampla e de qualidade para todos, sem distinções de nenhuma espécie. Nesse contexto que a transversalidade do tema meio ambiente seja trabalhada, mantendo-se focada na realidade do educando e abrindo a discussão para os problemas pertinentes às desigualdades sociais; c) em projetos ambientais é preciso ter sempre em mente as reais condições humanas. Assim, deve-se superar o *marketing* ambiental para se buscar verdadeiras soluções. Portanto, ao trabalhar a despoluição de um rio, tem-se que pensar também onde

colocar as famílias ribeirinhas para que superem a situação caótica a que foram jogadas; d) são necessárias campanhas educativas nas quais se possa ensinar às pessoas os limites apropriados de consumo. Não é mais possível manter os atuais níveis de consumo, isto é, o consumismo pelo consumismo, deve prevalecer algumas noções racionais mínimas no ato de consumir; e) no novo ordenamento urbano ora em vigor, graças à política de impostos progressivos, as autoridades podem e devem, em nível municipal, nos locais onde habitam os cidadãos, dar grande ênfase aos aspectos ambientais, incentivando que estes aspectos sejam ampliados e, incentivar a busca de inovação em alguns projetos inteiramente novos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: para a sociologia, como ciência, torna-se cada vez maior o desafio de analisar as questões pertinentes ao meio ambiente. No artigo discutiu-se apenas alguns aspectos, mesmo porque o assunto é demasiadamente recente. A premência dessa discussão, transformada em questão global, obriga a que o conhecimento acumulado na sociologia possa refletir sobre assunto de tamanha importância. Mais do que isso exige que sejam pensadas soluções viáveis para esses problemas, a partir do conhecimento que se possa ter da organização da sociedade na qual se vive.

Se os clássicos não se manifestaram claramente sobre o assunto, isso é devido, como se sabe, a percepção deles de que essa problemática ambiental não estava claramente expressa na segunda metade do século XIX. Isso não invalida que eles não possuam algumas reflexões próximas dessa problemática.

Fica em aberto uma discussão mais aprofundada, envolvendo toda a sociedade e não apenas uma parcela desta sociedade. Muitos pesquisadores e cientistas estão se ocupando com essa problemática e, muitos outros intelectuais e estudiosos virão se agregar a ela. Tudo é válido se o objetivo é a melhoria da vida em sociedade, na busca de harmonia entre os seres humanos e, equilibrando a relação destes com a natureza, mãe gaia na qual todos os seres vivos estão inseridos.

5 REFERÊNCIAS

BOURDIEN, Pierre (Org). **Miséria do Mundo**. Vozes: Petrópolis, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Vozes: Petrópolis, 1998.

GOLDBLATT, David. **Teoria Social e Ambiente**. Instituto Piaget: Lisboa, 1996.

HANNIGAN, John A. **Sociologia Ambiental: a formação de uma perspectiva social**. Instituto Piaget, Lisboa, 1995.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

_____. **Teorias da globalização**. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.

MATURANA R. Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**.

Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. Seres Humanos individuais e fenômenos sociais humanos. In:

MATURANA, R. Humberto. **A ontologia da realidade**. Humberto Maturana R.; Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz: organizadores. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.